

LUCIEN FEBVRE E A QUÁDRUPLA HERANÇA: ASPECTOS TEÓRICOS DO CAMPO BIOGRÁFICO

JÚLIA SILVEIRA MATOS*

RESUMO

Lucien Febvre marcou sua trajetória pelo estilo de pesquisa histórica, manuseio das fontes e forma inovadora de construção biográfica. Seu método e estilo de fazer história muito se diferenciaram da tradição intelectual existente em seu tempo. O método de investigação histórica presente em seus artigos veiculados pela revista *Annales* foi reformulado por seus sucessores, com o passar das décadas e os novos problemas sociais surgidos, mas a obra de Febvre continua sendo referência para os historiadores atuais contendo ainda muito a ser desvelado, conforme proposto por André Burguière. Dessa forma, no presente artigo nos propomos analisar a herança quádrupla no desenvolvimento de seu método de investigação e proposta teórica para o campo de estudo da biografia.

Fazer a história, sim, na medida em que a história é capaz, e a única capaz, de nos permitir, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos que não os do medo...

Lucien Febvre

Ao falar em teoria histórica na contemporaneidade, não podemos nos esquivar de falar em Lucien Febvre. Esse historiador marcou sua trajetória pelo estilo de pesquisa histórica, manuseio das fontes e forma inovadora de construção biográfica. Seu método e estilo de fazer história muito se diferenciaram da tradição intelectual de seu tempo. O método de investigação histórica em seus artigos veiculados pela revista *Annales* foi reformulado por seus sucessores, com o passar das décadas e os novos problemas sociais surgidos, mas a obra de Febvre continua sendo referência para os historiadores atuais e contém “muito a ser descoberto”, como diz Burguière¹. Assim, no presente artigo nos propomos analisar a

* Doutoranda em História – PUCRS. E-mail: jul_matos@hotmail.com

¹ BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 327.

herança quádrupla no desenvolvimento de seu método de investigação e proposta teórica para o campo de estudo da biografia.

Febvre realizou, no decorrer de sua formação, algumas opções metodológicas para seu trabalho, fruto das influências intelectuais que sofreu.

(...) Febvre entrou muito cedo em contato com uma influência quádrupla. A primeira foi a da geografia de Vidal de La Blache: ela o convenceu de que o historiador deve, a exemplo de um geógrafo que decifra uma paisagem, inscrever sua investigação no interior de um espaço particular e esforçar-se por lhe explorar o conjunto das relações constitutivas. A segunda foi a de Durkheim e da escola francesa de sociologia: a despeito das reservas com que Febvre olhava essa escola, ele ali encontrou ao mesmo tempo uma lição de método, um projeto científico e um modelo de sociabilidade intelectual nos quais se inspiram, trinta anos mais tarde, os *Anais (Annales)*. A terceira foi a da psicologia, tão fundamental na preocupação dos historiadores da virada do século, e cujo papel, pouco conhecido, é sensível no conjunto das ciências sociais em formação. A quarta influência foi rigorosamente negativa: foi a da história “historizante”, a história política, diplomática e militar que era ensinada então nas faculdades, história da qual se declarou muito cedo adversário. Foi contra ela que ele se incluiu, logo, na filiação, tanto afetiva quanto intelectual, de Michelet, autor a quem prestaria homenagem durante toda sua vida².

Estas quatro principais influências foram marcantes na formação intelectual de Lucien Febvre e parecem ter sido a base de seu pensamento. A geografia de Vidal de La Blache inspirou-o em seus trabalhos inaugurais, *Philippe II et la Franche-Comté* (1911) e *A Terra e a evolução humana* (1922). A geografia humana vidaliana enfocava as relações entre o homem e a natureza de forma original, colocava os problemas “mais pertinentes, a partir do novo ponto de vista da ciência social: o das relações entre as sociedades, apreendidas em sua evolução, e o meio físico e biológico no qual se inscrevem”³. Esta geografia forneceu a Febvre a inspiração para uma das suas maiores inovações, a concepção de tempo histórico. Através da geografia Febvre aproximou o tempo dos historiadores com o espaço, constituindo um tempo-espaço, menos efervescente, mais denso. Um tempo ligado ao espaço, lento, profundo, não determinista e qualitativo. Febvre pensava “o tempo histórico como mundo da consciência, [que] visa às

² Id., *ibid.*, p. 324.

³ REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 61.

mudanças qualitativas deste mundo através de uma análise interpretativa, compreensiva, essencialmente qualitativa”⁴.

A sociologia de Émile Durkheim inspirou Febvre através do trabalho de história econômica de François Simiand, no qual ele estabeleceu uma ponte “entre os estudos monetários, os estudos sociais sobre os níveis de vida, mas também com aquilo que ele próprio chama de psicologia coletiva, diferencial conforme os grupos sociais”⁵. Desde 1901, os seguidores da escola de Durkheim já proclamavam que a sociologia não deveria descrever os fatos, mas os constituir. Essa influência acelerou o rompimento de Febvre com a tradição historiográfica e o inspirou à renovação. “Febvre afirma que não há ciência sem interpretação, sem hipóteses, e compara o historiador ‘ao histologista que colore de maneira apropriada à finalidade da pesquisa o objeto que ele quer observar com o microscópio”⁶. Sem negar tudo o que foi produzido, Febvre submeteu a história produzida até então a um novo olhar, a novos problemas, a novos instrumentos e a novos fins⁷.

Tanto na geografia como nas ciências sociais, pode-se ver a presença, mesmo que não tão marcante como na obra de Febvre, da psicologia. A psicologia para Febvre, pode-se dizer, foi como a alma que faltava a seu método de análise, sua grande inspiradora. De acordo com François Dosse, por meio da união da psicologia com a história, Febvre estudou os eventos a partir das estruturas mentais da sociedade, realizando uma história dos sentimentos. Defendeu que essa história deveria ser integrada ao estudo global de uma civilização e não ser isolada como um campo independente de estudo. Febvre via a psicologia como um material indispensável para o historiador analisar as civilizações.

[...] para o estudo das massas, construir-se-ia uma psicologia coletiva que – instaurada no presente – seria extensiva às massas de outrora, as massas históricas. E os grandes homens? Estes, em razão talvez de sua própria grandeza, seriam estudados por uma psicologia individual. Ficava estabelecida, assim, a dicotomia indivíduo-sociedade⁸.

⁴ REIS, José C. Lucien Febvre. In: _____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994, p. 39.

⁵ DOSSE, François. O tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre. In: _____. *História em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1950, p. 71.

⁶ BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 323.

⁷ Segundo Reis, José C. O surgimento da “Escola dos Annales” e o seu “Programa”. In: _____. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 66.

⁸ MOTA, Carlos, G. *Lucien Febvre: história*. São Paulo: Ática, 1978, p. 22.

Uma das principais influências no trabalho do historiador,

A psicologia retrospectiva ou psicologia histórica tem a vocação de recuperar os quadros mentais dos períodos do passado, romper com a concepção de uma natureza humana atemporal, imutável, assim como todo anacronismo, ou seja, a tendência natural de transpor nossas próprias categorias de pensamento, de sentimento, de linguagem para as sociedades nas quais elas não têm significado ou o mesmo significado⁹.

A psicologia foi para Febvre o instrumento que lhe possibilitou trabalhar com a biografia em novos moldes, não de forma tradicional como uma história dos grandes feitos de um homem, mas uma nova história do indivíduo inserido nas estruturas mentais de sua sociedade.

Nesta linha quádrupla, a última influência seria o desafio da história historizante, ou seja, a história política. Com relação a esta, Febvre tornou-se seu maior combatente, contra uma história puramente política, preocupada em estabelecer locais e datas dos nascimentos de grandes monarcas, vitórias militares, de forma factual e precisa¹⁰. Para ele, a tradição de história política que existia até os anos 30 possuía “quase que meramente uma existência abstrata, sem conexões de várias naturezas com o mundo histórico que as gerou”¹¹. Uma história que Febvre chamou de “história das idéias descarnadas”.

É preciso reconhecer que Lucien Febvre tinha alguma razão, sendo que seu empenho de crítico teórico da história vinha se manifestando em trabalhos nos quais a história das idéias políticas traduzia-se, ainda que de forma diluída, no seu livro de 1927, *Un destin, Martin Luther*. Nesta obra Lucien Febvre dava de ombros para a tradicional e ultrapassada história política e, ao mesmo tempo, abria um veio profundo de possibilidades para a disciplina, o que, décadas mais tarde, constituiu-se num de seus principais campos de interesse, a história social das idéias, incluindo os estudos sobre as mentalidades coletivas e o imaginário político¹².

Outra forte influência em seu método de pesquisa proveio de seu professor Antoine Meillet, um lingüista, e pode-se pensar também em seu pai, professor de gramática. O cuidado com a significação das

⁹ DOSSE, François. O Tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre. In: _____. *História em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1950, p. 86.

¹⁰ Conforme Fontana i Lazaro, Josep. A Reconstrução, III: a Escola dos *Annales*. In: _____. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998. p. 206.

¹¹ LOPES, Marcos A. *Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 21.

¹² Id., *ibid.*, p. 17.

palavras em seu grupo social, no dialeto e no tempo histórico em que estão inseridas, esteve fortemente ligado com sua análise psicológica dos fenômenos históricos. A preocupação com a linguagem, com a significação dos termos, com a simbologia em relação aos diferentes grupos sociais e diferenças entre os idiomas, tudo isso foi apresentado por Lucien Febvre em sua obra mestra *O problema da descrença no Século XVI, a religião de Rabelais*. Suas preocupações com o método de análise o levaram a criar um estilo de escrita: “o brilho literário, as interrogações, as incertezas, as orações sem verbo, a polivalência sujeito-objeto, a angústia cristã de *chercher l’homme*, o discurso em forma de fala, a recusa da conclusão estanque, as verdades em poliedro [...]”¹³, todos esses recursos atuam em seu trabalho como instrumentos para a construção de suas teses.

O estilo de escrita de Lucien Febvre foi outro fator que o diferenciou dos demais historiadores de seu tempo. Admirador da obra do historiador romântico do século XIX Jules Michelet, optou por uma linguagem romantizada, figurativa, cheia de significados ocultos. Carbonel destaca que no estilo de Michelet estão presentes determinados processos de retórica histórica característica dos românticos, ou seja, “a utilização da metáfora, transmutando pelo efeito mágico do verbo a analogia em demonstração, a substituição da imagem pela idéia, da idéia pela imagem, o antropomorfismo portador duma filosofia da história evolucionista [...]”¹⁴.

Nessa mesma direção, Febvre utilizou metáforas e prosopopéias, numa linguagem talvez muito mais literária do que da história científica. Entretanto, consideramos que as figuras de estilo utilizadas por Febvre em sua obra não são simplesmente uma preferência ou preocupação estética com o texto, mas ponto central da apresentação de suas idéias.

Segundo Maurice Merleau-Ponty, “a linguagem vai além dos signos”; o simples fato de o escritor escolher determinada palavra e não outra de mesmo sentido já demonstra sua intenção em extrair uma reação particular do leitor ou transmitir uma mensagem que não seria apresentada por meio de outro termo, mesmo que similar. Para esse filósofo, o signo que compõe a palavra não tem sentido permanente, estanque, imutável, mas está repleto de significações exteriores a ele, algo pensado antes mesmo de ser escrita ou pronunciada a palavra.

¹³ MARSON, Adalberto, apud MOTA, Carlos Guilherme. Uma trajetória: Lucien Febvre. In: _____, *Lucien Febvre, 1878-1956*. São Paulo: Ática, 1978, p. 22.

¹⁴ CARBONEL, Charles-Oliver. O Século da História. In: _____. *Historiografia*. Lisboa: Teorema, 1992, p. 95.

Enfim, temos de considerar a palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ela nada diria, ou ainda pôr a nu os fios de silêncio que nela tremiam (...) é um sentido lateral ou oblíquo, que se insinua entre as palavras – é outra maneira de sacudir o aparelho da linguagem ou da narrativa para arrancar-lhe um som novo¹⁵.

De acordo com Merleau-Ponty, um escritor, a exemplo dos romancistas, pode dizer sem dizer, ou seja, insinuar informações, escrever em uma página o que deveria ser escrito em quatro, relatando acontecimentos e idéias através de figuras de linguagem. Desta forma o leitor decodifica a obra, imaginando, sentindo, entendendo o que está implícito.

A boa utilização das palavras por Febvre em suas obras tem chamado a atenção de diversos historiadores, não somente pela beleza estilística, mas pela exploração do imaginário. O uso das figuras de linguagem desperta emoções no leitor, leva-o a criar imagens, e, no caso de Febvre, permitiu-lhe dialogar com o leitor através de mitos comuns à sua sociedade, ou de palavras que possuem significados muito maiores nas estruturas mentais que textuais.

Os símbolos verbais que desempenham esse papel são disso um exemplo. Em certa medida, variam de uma nação-Estado para outra. Mas todos possuem poderosa irradiação emocional e dotam a coletividade que representam com as qualidades numinosas a que já nos referimos. Em sua maior parte, os nomes das nações-Estados e seus derivativos são usados por seus membros, em situações apropriadas, com implicações de santidade e veneração¹⁶.

Febvre, em suas obras, optou por objetos de estudo para ele plenos de significado, como grandes personagens: Felipe II, Rabelais, Martinho Lutero e outros, além de se ter debruçado sobre a geografia, através do estudo que tem como desencadeador o rio Reno. O nome desses personagens, ou o do próprio rio, “conta” sua história através do papel que desempenham enquanto símbolos no imaginário coletivo, como afirma Norbert Elias, na citação acima. Assim, os recursos literários permitiram ao historiador falar ao leitor mais além do que estava escrito.

¹⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: _____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 47.

¹⁶ ELIAS, Norbert. Uma digressão sobre nacionalismo. In: _____. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 139.

A influência micheletiana em Febvre não ficou somente no estilo de linguagem, mas penetrou na formação dos conceitos utilizados em suas obras. Todavia, os conceitos mais aparentes na obra de Michelet, como o de verdade histórica¹⁷ e evolucionismo social¹⁸, não foram incorporados por Febvre. Na obra *Martinho Lutero, um destino*, Febvre deixou clara sua concepção sobre a idéia da verdade absoluta da história, ou do resgate integral dos acontecimentos do passado:

Um livro como este que nós escrevemos seria bem daninho se, dando de Lutero uma imagem ao gosto pessoal do autor, não desse aos leitores a sensação viva, violenta se se quiser, de que muitas outras imagens, e quão diferentes, têm pretendido dar o aspecto, traçar o retrato fiel e sintético do Reformador, sem que em tal matéria a palavra certa possa ser pronunciada, a não ser por tolos¹⁹.

É na concepção da história enquanto instrumento útil para a formação de identidade nacional que Febvre mais se aproxima do profeta da história nova²⁰. Michelet tinha a visão de que a história deveria ser um instrumento educativo, a “mestra da vida”, formadora de ideologias e conceitos²¹. Outro ponto aparente de aproximação entre os dois historiadores é a análise psicológica das estruturas mentais, com o intuito de compreender as estruturas materiais. O estudo de Michelet sobre a heroína virgem da França, Joana d’Arc, é um exemplo. Jules Michelet analisou as estruturas mentais da época, a sociedade em que Joana d’Arc estava inserida, o contexto e suas possibilidades de ação. De forma muito semelhante, Febvre construiu sua biografia de Martinho Lutero.

Diante das influências de diversas ciências e pensadores, Febvre implementou sua visão de história, com um olhar humanista.

Deste humanismo Lucien Febvre conheceu, já em criança, todos os tesouros, graças a um pai atento e sedutor, normaliano e *agrége* de

¹⁷ Segundo Jacques Le Goff em *A História Nova* (1998), Jules Michelet acreditava na possibilidade de “ressurreição da vida integral”, ou seja, na verdade histórica. Por isso Michelet foi inovador em seu trato com as fontes, tendo o máximo de cuidado, procurando ter sempre contato com os originais, com depoimentos orais, pinturas, esculturas, diários e cartas pessoais.

¹⁸ De acordo com Boudé e Hervé (Michelet e a apreensão total do passado, in *As escolas históricas* (1990), Michelet tinha a idéia de progresso da sociedade como evolução natural e melhora das estruturas. A evolução como transformação do simples (barbarismo) para o complexo (civilidade).

¹⁹ FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. Porto: ASA, 1994, p. 41.

²⁰ Forma como Jacques Le Goff se refere a Jules Michelet em *A história nova* (1998).

²¹ De acordo com, BOURDÉ, Guy; HERVÉ, Martin. *Michelet e a apreensão total do passado*. In: _____. *As escolas históricas*. Mem Martins: Europa-América, 1990.

gramática. No seu caso, não se tratou de uma bagagem adquirida na época dos concursos, e logo perdida com a maioridade, mas na verdade, de uma arte de pensar e até de viver²².

Em sua fórmula familiar, Lucien Febvre afirmava que “a história é o Homem”²³ apreendido em toda a sua dimensão social, política e cultural: “um criador dinâmico, uma potência animadora, uma força viva da história”²⁴. Através de um destino individual poder-se-ia ver o período em suas especificidades e compreender a permanência dos fenômenos nas estruturas mentais. Influenciado pelas ciências sociais, mas com um olhar filosófico herdado de Henri Berr, Febvre reconhecia as especificidades de cada época e sua singularidade. Não procurava inscrever o evento histórico:

[...] em uma linha progressiva do tempo, buscava encontrar dentro dele a estrutura que o tornará possível [...] Ele não é determinista, não pressupõe a prioridade sobre os outros de nenhum campo da sociedade. Mas em sua perspectiva hermenêutica, a do *Zusammenhang*, parece ser a ordem mental, psicológica, intelectual, que centralizava todos os outros aspectos de uma sociedade²⁵.

Reis ainda afirma que Febvre concebe a história “como uma sucessão de estruturas totais fechadas, irredutíveis umas às outras”²⁶. A forma como Febvre via a história, nesse sentido, justificava sua opção pela interdisciplinaridade:

não via ele limites rigidamente estipulados entre as diversas disciplinas; ao contrário, vislumbrava sim uma unidade do conhecimento, para a qual contribuiriam histórias, políticas, geográficas, filosóficas, sociológicas, antropológicas etc.²⁷

Embora em seu trabalho de historiador, Lucien Febvre tenha produzido obras de história regional e de geografia histórica, podemos afirmar que foi, sem dúvida, com a biografia histórica que ele

²² BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre et l'histoire. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. 22, Cahier double, Nouvelle Série, Quatrième Année. Paris: Press Universitaires de France, 1957. (Tradução de Margarida e Joaquim Baradas de Carvalho), p. 402.

²³ Id., *ibid.*, p. 403.

²⁴ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 232.

²⁵ REIS, José C. Lucien Febvre. In: _____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994, p. 38-39.

²⁶ REIS, José C. Os combates de Febvre. In: _____. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 71.

²⁷ MOTA, Carlos Guilherme. Uma trajetória: Lucien Febvre. In: _____. *Lucien Febvre, 1878-1956*. São Paulo: Ática, 1978, p. 15.

surpreendeu. Sua opção pela obra biográfica foi feita em um momento de descrédito da mesma²⁸, pois a partir do século XIX privilegiou-se mais o material e essa perspectiva coloca o individual em situação nula diante dos processos históricos, como algo pouco importante na estrutura social²⁹. O que somente é compreensível diante de sua visão de história, com o homem em posição central. Assim, nada mais natural para quem vê o homem como produtor da história estudar o próprio, como indivíduo inserido no coletivo.

Outra inovação no trabalho de Febvre foi sua visão de tempo e a forma com que trabalhou com ele: “Febvre ainda pensa o tempo histórico como ‘tempo da alma ou da consciência’. Seu objeto principal de análise são as mentalidades coletivas, mas a partir da história intelectual ou cultural”, como assegura Reis³⁰. Em suas obras biográficas ele abandonou a linearidade histórica e apostou em diferentes temporalidades, o tempo contextual, familiar, interior, psicológico e o tempo da memória. Sua visão de tempo parece estar intimamente ligada à forma como compreende a cultura. Para Febvre, a cultura pode ser apreendida através dos mitos de um povo, suas crenças e ideologias, a forma como os sujeitos se entendem em seu tempo.

[...] Febvre proporá um tempo reconstruído; [...] que integra o evento único em uma ordem conceitual, sem perder de vista a ordem cronológica. [...] O tempo do historiador, para Febvre, não coincide com o tempo da experiência histórica, isto é, o historiador não realiza a reconstituição do que de fato se passou, mas reconstrói o que se passou. Os fatos que o historiador representa não são apreendidos diretamente, mas fabricados a partir de inúmeras observações, fontes numéricas, documentos múltiplos e, sobretudo, com hipóteses e conjecturas. (...) O historiador precisa, portanto, partir do presente, e, através deste, conhecer o passado.³¹

²⁸ “Para abraçar os Welt-plan, tantas vezes evocados pelos filósofos, alguns historiadores também deixaram de lado os destinos individuais. Foram os historiadores positivistas que se revelaram os mais dispostos a sacrificar o caráter finito e pessoal da vida humana em nome da continuidade da história [...] Buckle afirmava, em 1857, querer arrancar a história das mãos dos ‘biógrafos’, [...] A afirmação da história como ciência dos fatos sociais relegava a segundo plano ‘a observação das consciências individuais’”. LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: _____. REVEL, Jacques (org.) *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 231.

²⁹ De acordo com SCHMIDT, Benito B. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: SCHMIDT, Benito B.; RAGO, Margareth; GIMENES, Renato A. de O. (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp, 2000, p.196.

³⁰ REIS, José C. Lucien Febvre. In: _____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994, p. 37.

³¹ *Ibid.* p. 33.

Dessa forma, vemos a biografia como muito mais que um recurso metodológico ou curiosidade profissional, e sim uma opção consciente com objetivos claros para o autor. Ao optar pelo uso da biografia, Febvre apresentou anseios de apreender a dimensão total de uma época através de “espíritos individuais mais eminentes”. No entanto, olhando para o contexto de vida do autor, pode-se ver que não foi somente este olhar de historiador que o levou a este caminho metodológico na construção de suas obras, mas muito mais. Reis nos leva a pensar assim quando diz:

Febvre, influenciado por Lamprecht, via Pirenne, considerava que a história deveria buscar o que há de regular e necessário na sucessão dos eventos e, para isto partir dos grupos sociais e não dos indivíduos [...] é exatamente esta orientação que Febvre, mesmo formulando-a teoricamente não seguirá até as últimas conseqüências. Ele estava ainda preso à tradição individualista, singular e irrepetível da historiografia tradicional: considerava, primeiro, o evento.³²

Essa afirmação entra em contradição com a visão de história febvriana e principalmente com o caminho percorrido pelo autor. Febvre estaria apenas preso à tradição da história política, factual, a qual tanto combateu, ou seria a biografia histórica a única a proporcionar-lhe os instrumentos certos para seu empreendimento? Talvez o leitor dos anos de 1920 não tenha percebido os objetivos ideológicos do autor para ele, mas pode ter assimilado as teses febvrianas e as internalizado como novos conceitos.

Um homem que viveu em uma região invadida, tomada por outro país, teve que trabalhar em outra que vivia a mesma situação, com a diferença de que os invasores eram seus compatriotas. Qual a visão de Febvre sobre os acontecimentos? Como historiador, ele olhou para os eventos como fatos sujeitos a análise. Entretanto, isso não o fez permanecer neutro frente aos acontecimentos. Febvre, dessa forma, reconstruiu o passado a partir dos problemas colocados por seu presente.

O conhecimento do passado consistirá, então, em sua interpretação e organização a partir de problemas e através de conceitos. O resultado final é um passado que o presente tem necessidade de conhecer. O tempo reconstruído da história-conhecimento está, e isto é explicitado, a serviço do presente.³³

O contexto, assim, parece ter atuado como ponto determinante na construção e seleção dos objetos estudados, das escolhas

³² Ibid. p. 38

³³ Id, ibid., p. 35.

metodológicas e na construção de suas teses, havendo uma ligação entre o personagem eleito para o estudo e a realidade do historiador. Levando em conta sua visão de história, de cultura, bem como sua preocupação com a psicologia e estruturas mentais, Febvre elegeu indivíduos para seus estudos que pareciam estar plenos de significado para seus leitores.

Dessa forma, a biografia, para Febvre, foi um instrumento de atração do leitor para o estabelecimento de um diálogo referente aos problemas do seu tempo. Num contexto interdisciplinar, Febvre voltou-se para uma “preocupação propriamente psicológica, ao confronto entre o homem singular e o universo mental no qual ele intervém”³⁴, praticando assim uma história das sociedades, mais ampla, evolutiva, com novas abordagens, voltada para as mentalidades coletivas. Febvre estudou o indivíduo para compreender o coletivo, analisando sua estrutura mental, porque entendia ser esta estreitamente ligada à vida material. “Acreditava que o mundo social é uma criação humana e na análise desta criação o lugar do seu sujeito não poderia ser tomado pelo seu objeto”³⁵.

Lucien Febvre prosseguiu, através da sua investigação e ensino, uma obra de especialista do século XVI. Nos seus principais livros, cultiva o gênero tradicional da biografia ao mesmo tempo que confronta o seu “herói” com a sociedade do seu tempo; desliza da reflexão sobre um personagem ilustre para a exploração das mentalidades coletivas. Encontra-se esta atitude em *Martinho Lutero, um destino* (1928) [...] ³⁶

Martinho Lutero, um destino é exemplo do método de pesquisa histórica febvriano, como também de sua opção pela biografia. Nessa obra, Febvre fez ressurgir Lutero como homem “[...] para integrá-lo em seu tempo, nos marcos mais amplos da história social”³⁷.

No primeiro prefácio dessa obra, Febvre argumentou que não pretendeu fazer uma obra biográfica, mas um trabalho de investigação, uma recuperação da dimensão humana do Reformador. Realmente, parece-nos que sua preocupação histórica não era meramente

³⁴ DOSSE, François. *História em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1950. p. 84.

³⁵ REIS, José C. Lucien Febvre. In: _____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994, p. 41.

³⁶ BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *Escola dos Annales*. In: _____. *As escolas históricas*. Mem Martins: Europa-América, 1990, p. 120.

³⁷ LOPES, M. A. Estudos e leituras: itinerários historiográficos. In: LOPES, M. A.; GREGORY, V. (org.). *O ensino e a pesquisa na UNIOESTE: realizações e tendências*. Cascavel: Edunioeste, 1998, p. 50.

biográfica, mas tinha claramente uma dimensão político-social. Como uma personalidade religiosa poderia ser estudada enquanto fenômeno político? Como uma obra sobre a Reforma Protestante poderia ser estudada como evento político-social e não econômico-social-religioso? Uma obra de história da religião pode estar a serviço do Estado e assim teria uma função política.

Há muito tempo, na França, a história é um terreno de confrontos políticos e o discurso político é um grande consumidor de argumentos históricos. O casamento entre a história e a política nada tem de excepcional. Podemos encontrá-lo em todos os países que necessitaram, para legitimar a unidade nacional, mobilizar a memória coletiva e inscrevê-la numa mitologia das origens³⁸.

Além disso, a nova história política oriunda do pensamento febvriano estuda as relações do indivíduo com a sociedade global política, os comportamentos, as escolhas, convicções, lembranças, memória e cultura.

O político toca muitas outras coisas. Não é um fato isolado. Ele está evidentemente em relação, também, com os grupos sociais e as tradições do pensamento [...] Hoje em dia o político concerne a tudo o que toca a existência individual: o corpo, a vida, o nascimento, a morte³⁹.

Febvre tinha rejeitado a história política que era produzida até meados dos anos 20, entretanto *Martinho Lutero, um destino* apresenta-se como uma obra de história das idéias políticas. Além de sua função política nos anos de 1920, essa obra abriu o campo para a renovação da história política, que veio tomar forma após 1950, como afirma René Remond.

Essa é a visão que temos sobre a obra de Febvre. Entendemos que, por meio da biografia, Febvre trouxe à cena política e cultural mitos adormecidos mas enraizados na identidade ideológica de seus leitores.

Conscientemente ou não, o historiador passa a saber que esse objeto não consiste no próprio passado mas naquilo que, nos traços que deixou o passado, pode responder às questões que ele coloca a si mesmo, e que lhe são sugeridas pelo mundo em que vive⁴⁰.

³⁸ BURGUIÈRE, André. Prefácio. In: _____. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 8.

³⁹ REMOND, René. O retorno do político. In: REMOND, René; CHAUVEAU, Agnès. (org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 58-59.

⁴⁰ BURGUIÈRE, André. Prefácio. In: _____. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de

As questões de um historiador são provocadas por sua realidade social. *Martinho Lutero, um destino* é um exemplo do método histórico que coloca o passado a serviço do presente.

REFERÊNCIAS

Fonte primária

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. Lisboa: ASA, 1994.

Fontes auxiliares

BOURDÉ, Guy; HERVÉ, Martin. Escola dos *Annales*. In: _____. *As escolas históricas*. Mem Martins: Europa-América, 1990.

_____. A história nova – herdeira da escola dos *Annales*. In: _____. *As escolas históricas*. Mem Martins: Europa-América, 1990.

_____. Michelet e a apreensão total do passado. In: _____. *As escolas históricas*. Mem Martins: Europa-América, 1990.

BOURGUEOIS, Emile. Introducción. In: MICHELET, Jules. *Juana de Arco*. Buenos Aires: El Ateneo, 1945.

BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre et l'histoire. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. 22, Cahier double, Nouvelle Série, Quatrième Année, Paris: Presses Universitaires de France, 1957 (Tradução de Margarida e Joaquim Baradas de Carvalho).

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Edusp, 1997.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CARBONEL, Charles-Oliver. O século da história. In: _____. *Historiografia*. Lisboa: Teorema, 1992.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989.

DOSSE, François. O tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre. In: _____. *A História em migalhas: dos Annales à nova história*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1992.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

ELIAS, Norbert. Uma digressão sobre nacionalismo. In: _____. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FEBVRE, Lucien, *Olhares sobre a história*. Porto: ASA, 1996.

_____. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Honra e Pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FONTANA I LAZARO, Josep. A reconstrução, III: a Escola dos *Annales*. In: _____.

Janeiro: Imago, 2001, p. 8.

- História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *História: novos problemas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- _____. Prefácio. In: BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LOPES, Marcos A. Os caminhos de constituição da história social. In: GREGORY, Valdir; LOPES, Marcos A. (org.). *O ensino e a pesquisa em história na Unioeste*. Cascavel: Edunioeste, 1998.
- _____. Estudos e leituras: itinerários historiográficos. In: GREGORY, Valdir; LOPES, Marcos A. (org.). *O ensino e a pesquisa em história na Unioeste*. Cascavel: Edunioeste, 1998.
- _____. O tempo da História. In: _____. *No tempo de reis e feiticeiras: cultura política no Renascimento e no Antigo Regime*. São Paulo: Scrinium, 2000.
- _____. *Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: _____. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Lucien Febvre, 1878-1956*. São Paulo: Ática, 1978.
- REIS, José Carlos. *Annales: a renovação da história*. Ouro Preto: Ed. da UFOP, 1996.
- _____. Lucien Febvre. In: _____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *História entre a filosofia e a ciência*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. O surgimento da 'escola dos *Annales*' e o seu 'programa'. In: _____. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. Os combates de Febvre. In: _____. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- REMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, Ph. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SCHMIDT, Benito B. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato A. de O. (org.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Unicamp, 2000.
- SKINNER, Quentin. *Fundamentos do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, A.; TÉTART, Ph. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.